



la Biennale di Venezia

XLVI MOSTRA INTERNAZIONALE D'ARTE CINEMATOGRAFICA

O SANGUE

um filme de pedro costa

PEDRO HESTNES NUNO FERREIRA INÊS MEDEIROS
LUÍS MIGUEL CINTRA CANTO E CASTRO ISABEL DE CASTRO
HENRIQUE VIANA LUÍS SANTOS MANUEL JOÃO VIEIRA
realização e argumento PEDRO COSTA imagem MARTIN SCHÄFER montagem MANUELA VIEGAS
som PEDRO CALDAS GÉRARD ROUSSEAU música THE THE IGOR STRAVINSKY
director de produção VICTOR GONÇALVES uma produção TRÓPICO FILMES



filme apoiado pelo INSTITUTO PORTUGUÊS DE CINEMA RÁDIO-TELEVISÃO PORTUGUESA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



Vinte anos depois da estreia mundial no Festival de Veneza,
reposição de O SANGUE, de Pedro Costa, uma das melhores primeiras
obras do cinema português.

Uma terra de província. Natal, fim de ano. Dois irmãos.
Um tem 17 anos, outro 10. Eles juram guardar um segredo.
Que tem a ver com as frequentes ausências do pai. E que só uma
rapariga partilha com o irmão mais velho.
É que desta vez o pai não se ausentou apenas como das outras.
Que se passou? Só Vicente e Clara o sabem.
Segredos, promessas, separações, esperas. À força de quererem
sobreviver ao seu segredo os dois irmãos perdem-se.
Talvez seja sobre a noite da infância, este filme.

PEDRO HESTNES, NUNO FERREIRA, INÊS MEDEIROS
LUÍS MIGUEL CINTRA, CANTO E CASTRO, ISABEL DE CASTRO,
HENRIQUE VIANA, LUÍS SANTOS, MANUEL JOÃO VIEIRA

Realização e Argumento PEDRO COSTA Imagem MARTIN SCHÄFER
Montagem MANUELA VIEGAS Som PEDRO CALDAS, GERARD ROUSSEAU
Música THE THE, IGOR STRAVINSKY
Director de Produção VICTOR GONÇALVES
Uma Produção TRÓPICO FILMES

Um filme apoiado pelo INSTITUTO PORTUGUÊS DE CINEMA, RADIOTELEVISÃO
PORTUGUESA , FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

> CRÍTICAS

João Bénard da Costa - Sangue Antigo e Sangue Novo

E é apenas verdade que o cinema português, para arrepio de tantos e maravilha de alguns, continue a sua singular peregrinação, à margem de modas e dos modos, em filmes tão belos como este O SANGUE.

Quando se tintam com tinta de cor cópias clássicas de filmes clássicos, um cineasta de trinta anos ousa filmar preto e branco porque só o preto e branco pode dar a ver as coisas escuras e claras que tem para mostrar. A genial fotografia de Martin Schäfer não é anacronismo mas necessidade.

Quando tanta gente - e, às vezes educada gente - se converte ao discurso dominante que torna o cinema em velho e pobre parente de um indistinto amálgama falaciosamente baptizado de audio-visual, um cineasta de trinta anos ousa afirmar a soberania do cinema como arte e olhar com olhar novo um imaginário constantemente referido à antiguidade de que se proclama herdeiro.

Quando a maior parte copia afanosamente uma fórmula de efeitos e rejeita como palavrões ominosos, o léxico e a sintaxe do cinema clássico, um cineasta de trinta anos constrói um filme sobre fantasmas que pareciam perdidos: actores, mise-en-scène, découpage, valores de luz e de sombra, de ruídos e do silêncio. As orações de Pedro Costa têm sujeito, predicado e complemento directo e não há no SANGUE erros de ortografia ou de sintaxe. Tudo é admiravelmente construído, admiravelmente despojado, admiravelmente retórico. Tudo é admiravelmente claro, também, num filme que não é obscuro, mas escuro como o cão que logo no princípio conhecemos. E escuro porque é um filme que acima de tudo nos fala da noite - é quase sempre noite neste filme - e porque é à noite que há sonhos e pesadelos e porque é à noite que vêm os lobos maus.

A noite de O SANGUE é a noite da encruzilhada de Renoir ("La Nuit du Carrefour") e do caçador de Charles Laughton ("The Night of the Hunter"). E a noite dos que vivem dela, nela e por ela ("They live by night" de Nicholas Ray).

E a noite de todos os medos, de todas as culpas, de todos os remorsos e de todas as expiações. E a noite dos amantes e dos pecados, dos crimes e dos cemitérios. A noite, espaço de silêncio e cerração. Caiu a noite: contem-se os grandes segredos do nosso imaginário.

O horizonte destas imagens - como em tempos escreveu Cristovam Pavia - é o horizonte das nossas pálpebras. Só pessoas muito antigas e obras muito novas podem mergulhar assim até ao fundo da noite, para pegar nesse fundo o sangue fresco e quente. E cortar a negro os corpos que o habitam.

É estranho que se diga que é um filme singular. Mas, se tem que se dizer, é para grandeza de Pedro Costa. A grandeza de quem ousou ignorar a nossa pequenez.

MS Fonseca, Expresso

É um filme belíssimo, de uma tristeza desmedida, à beira da agonia. O SANGUE é, com toda a probabilidade, o "primeiro filme" mais lancinante da história do cinema português, em que todos os aspectos formais concorrem para sublinhar a "escura" visão dos seres e das coisas do seu autor: o sentido de "mise-en-scène" e a composição de cada plano são admiráveis, como é soberba a fotografia do alemão Martin Schäfer.

Vasco Câmara, Público

O SANGUE é uma subida vertiginosa pelos caminhos da abstracção e do onirismo (poderosa a fotografia de Martin Schäfer), um filme que faz da infância e da adolescência um local de solidão e exclusão - "Ninguém nos pode fazer mal, ninguém é como nós". Nesse aspecto, pode-se encontrar na obra de Pedro Costa se se quiser filiações várias de "A Noite do Caçador", de Charles Laughton ou mesmo "Fúria de Viver" de Nicholas Ray.

O SANGUE filme a família e o mundo infantil e adolescente como doença que se contamina, como estigma. É um filme sobre a família como doença.

Não há no cinema português outro filme igual a O SANGUE.

Manuel Cintra Ferreira, Expresso

Não se encontra no cinema português um filme que tenha um início como este. O SANGUE começa com uma bofetada dada com violência no rosto desolado de um adolescente. Agressão de um pai, quase indiferente à gratuitidade do gesto, como se se tratasse de uma rotina ou de um impulso. A desolação do jovem esconde o que é também indiferença. Entre os dois há um fosso que acabará por tornar-se uma sepultura, real ou simbólica, a partir da ausência do pai.

O jovem, Vicente, tem um irmão, Nino que vai descobrindo o mundo e os estranhos sinais que à sua volta se manifestam, e que a pouco e pouco irá amadurecendo, num primeiro movimento para sair do círculo vicioso da família, entre a ausência do pai, para ele um fenómeno inexplicável de que os adultos têm o segredo que se recusam a partilhar e a nova presença repressiva que se manifesta, a do tio. Mas Vicente, o ser mais magoado deste filme, não aceita a substituição, fazendo da ausência do pai o pretexto para gerir só, ou com a cumplicidade de Clara, o seu jardim secreto. O SANGUE aproxima-se, desse ponto de vista, de histórias tradicionais, aquelas que representam os ritos de passagem e crescimento, espaço onde a criança se confronta com os medos da mudança.

Pedro Costa coloca a chave da saída desse espaço da adolescência na mãos da mulher, que neste sentido amadurece mais cedo, na personagem de Inês de Medeiros. É ela que tem também nas mãos, como a Parca, o fio do destino do emigrante de "Casa de Lava".

Esta história bem mais complexa do que uma visão apressada de O SANGUE pode deixar entender, tem na fotografia de Martin Schäfer, uma cumplicidade perfeita.

O seu preto-e-branco é percorrido por singulares efeitos de luminosidade e escuridão, que lhe dão uma atmosfera quase irreal que por vezes o aproximam dessas obras-primas sobre os mesmos jardins e os mesmos medos que são "A Maldição da Pantera", de Robert Wise, "A Sombra do Caçador" de Charles Laughton e "Os Inocentes", de Jack Clayton.

Rodrigues da Silva, Cinema

Belíssimo filme. É muito raro - mesmo muito raro - uma primeira obra (portuguesa ou não) possuir a dimensão interior e a concepção estética de O SANGUE.

Nuno Henrique Luz, Semanário

O SANGUE suga. É um vórtice negro que prende os seus protagonistas. É um filme bom todos os dias ainda que o seu estado de espírito seja particularmente nocturno. O fim da adolescência é uma longa e irreversível noite, promete-nos Pedro Costa. É como se os adolescentes fechassem os olhos na esperança de continuarem crianças. O medo do escuro, que é o medo do desconhecido, é também em O SANGUE o medo da idade adulta.

Frédéric Bonnaud, Les Inrockuptibles

O SANGUE é de um esplendor absoluto, uma obra de uma beleza de cortar a respiração.

O SANGUE é mais que uma obra-prima instantânea, um golpe de mestre ou a revelação de um jovem cineasta português.

O SANGUE faz parte desses primeiros filmes, muito raros ("La Nuit du chasseur, Les Amants de la nuit, Badlands, Lola, Shadows, Adieu Philippine, L'Enfance nue, Accatone...") que podemos classificar como milagrosos, cuja ambição é tão grande e os elementos difíceis de manipular que parecem ir direitos à catástrofe certa, até que nos apercebemos deslumbrados que saíram indemnes de todas as provas, que o que não os matou os tornou mais fortes, mais belos, mais essenciais.

O SANGUE é um baptismo de fogo em forma de apoteose.

O SANGUE é um filme que queima, ou seja há qualquer coisa que queima em cada plano que o compõe.

Philippe Azoury, Libération

Lírico e vertiginoso.

Jacques Mandelbaum, Le Monde

O sangue federa aqui os seus principais temas: a filiação, a infância, a violência, o medo, a dívida, a fuga, o amor, a morte, a redenção.

À autarcia da narrativa responde a constelação primitiva dos mundos aos que remete, desde o universo do conto à mística cristã, passando evidentemente por uma história do cinema onde se encontram "Aurora" de Murnau, "Mudar de vida" de Paulo Rocha e os "Amants de la nuit" de Nicholas Ray. O importante, aqui, é menos a citação em si e sim a reminiscência que a faz nascer subitamente na volta de um plano e a mete em relação com uma espécie de mundo-de-trás de que ela seria o rasto sensível.

Frédéric Strauss

Abraça a violência de um onirismo próximo de Cocteau e a crueldade das relações de força de Pialat. O casal ultra-romântico, formado por Pedro Hestnes e Inês Medeiros, verdadeiramente excepcionais, precipita a perfeição estética no tumulto dos sentimentos absolutos onde a ficção se constrói.

Olivier Joyard, Cahiers du Cinéma

O segredo magnífico que está no coração de O SANGUE é o segredo do cinema, o das origens, que Costa deixa ecoar e transforma em conto cruel, flutuante, numa melopeia lírica.

Émile Breton, L'Humanité

Obra-prima. Uma balada poética numa terra de ninguém nocturna à beira do Tejo; um sonho mais negro que branco sobre a errância de três crianças entregues a si mesmas. Um esplêndido conto moderno.

Il Manifesto

Filmado num preto e branco muito belo, Costa conta a aventura de dois irmãos.

Piers Handling, Critic's Choice

Esplendoroso preto e branco. É um prazer ver o filme já que Costa é um brilhante artista visual. Um simples passeio por uma feira ou uma visita ao zoo tornam-se quase alucinatórios, com aparência de sonhos, experiência. Nocturno, romântico, nostálgico, perturbador - todas estas associações nos ocorrem quando tentamos capturar o tom mágico de O SANGUE. Costa prova sem sombra de dúvida que é um talento que merece ser visto.

> FILMOGRAFIA PEDRO COSTA

1987 - Cartas a Júlia

1990 - O Sangue

1994 - Casa de Lava

1997 - Ossos

2000 - No Quarto da Vanda

2001 - Danièle Huillet, Jean-Marie Straub, cinéastes

2002 - Où gît votre sourire enfoui?

Onde jaz o teu sorriso?

2004 - 6 Bagatelas

2006 - Juventude em marcha

2007 - Tarrafal

2007 - The rabbit hunters

A caça ao coelho com pau

2009 - Ne change rien

2010 - Cem mil cigarros